

Percebendo a América Latina para a construção da pesquisa no campo da comunicação – uma reflexão sobre o passado, sua influência sobre o presente e apontamentos para um futuro democrático¹

Renan XAVIER²

Universidade Federal de Integração Latino-Americana UNILA, Foz do Iguaçu, PR

RESUMO

Longe de reunir os pesquisadores mais importantes à América Latina ou de servir como referência única a pesquisas posteriores, este trabalho tem o ensejo de propor um diálogo entre renomados comunicadores latinos – todos *revolvedores* do passado. O reconhecimento de um sentimento comum e latino-americano tem em cada um deles um expoente importante. O trabalho será realizado a partir de revisão bibliográfica de comunicadores latino-americanos - Luis Rámiro Beltrán, Jesus Galindo Cáceres, Eduardo Galeano, Jesus Martín-Barbero e Nestor García Canclini. Os conceitos aqui referenciados não se traduzem como o conteúdo essencial de cada um deles. Trata-se de uma costura que parte e chega ao mesmo ponto – a importância do estabelecimento de Políticas de Comunicação à região.

PALAVRAS-CHAVE: América Latina; Comunicação; Políticas de Comunicação;

Introdução

Longe de tentar reunir os pesquisadores mais importantes à América Latina ou de servir como referência única a pesquisas posteriores, este trabalho tem o suave ensejo de propor um diálogo entre renomados comunicadores latinos – todos *revolvedores* do passado, criadores ousados de abordagens e de métodos para o futuro e defensores apaixonados desta terra no presente. O reconhecimento de um sentimento comum e latino-americano tem em cada um deles um expoente importante, por razões próprias. Este artigo propõe discutir o que os une, permitindo a cada um passar sua mensagem, cheia de misturas, sotaques, cores e força. Ao final, será possível perceber o cenário em que as

¹ Trabalho apresentado no GP Mídia, Culturas e Tecnologias Digitais na América Latina, XIV Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Jornalista da UNILA, Mestrado em Televisão Digital, UNESP, Graduação em Jornalismo (UFSC), renan.xavier@unila.edu.br.

pesquisas latino-americanas estão inseridas, com o objetivo de contribuir, em especial, para a reflexão sobre os meios de comunicação e sobre o difícil processo de democratização dos mesmos. Trata-se de construir um pano de fundo para as pesquisas no sentido idealizado pelos próprios pesquisadores, de que deve-se conhecer o entorno de miséria e riqueza, os laços fortes com a natureza e entre os homens, o passado sangrento de humilhação e de banditismo, os grupos de interesse da época colonial, neoliberais ou durante os estados de exceção. Apenas respirando esse ar que emana de feridas ainda abertas será possível pensar e produzir de maneira relevante a este contexto.

O trabalho será realizado a partir de revisão bibliográfica de comunicadores latino-americanos - Luis Rámiro Beltrán, Jesus Galindo Cáceres, Eduardo Galeano, Jesus Martín-Barbero³ e Nestor García Canclini. Os conceitos aqui referenciados não se traduzem como o conteúdo essencial de cada um deles. Trata-se de uma costura que parte e chega ao mesmo ponto – a importância do estabelecimento de Políticas de Comunicação à região, processo de resistência e luta neste espaço latino-americano. Estas políticas se enquadram na luta pela democratização da comunicação – tão latina! Luta que se apresenta a partir da consolidação da concentração horizontal e vertical de meios e da exagerada construção de sociedades de consumo que se originam com o advento do capitalismo. Este processo se mostra extremamente cruel a países em desenvolvimento como os latino-americanos. Esta luta democrática, que tem nos meios de comunicação os instrumentos e seus alçozes, se desenrola em meio a miscigenação de povos, a busca por uma identidade, ao consumo e a hábitos de massa.

Contexto

Em “*Premisas, objetos y métodos foráneos en la investigación sobre comunicación en América Latina*”, de 1985, o boliviano Luis Rámiro Beltrán⁴ destaca a importância da criação de novos modelos que expliquem a comunicação latino-americana e que fossem por aqui utilizados. Para ele, os modelos conceituais forâneos, em especial os norte-americanos,

³Mesmo que espanhol, grande parte da pesquisa de Jesus Martín-Barbero é realizada no contexto latino-americano.

⁴Luis Rámiro Beltrán nasceu em Oruro, Bolívia, em 1930, filho de jornalistas. Iniciou carreira aos 12 anos, trabalhando como editor, chefe de redação, publicitário, em documentários, criação de revistas, entre outros. Realiza mestrado e doutorado na Universidade de Michigan, orientado, respectivamente, por Everett Rogers e David Berlo. Então, aprofunda-se na discussão sobre comunicação e desenvolvimento na América Latina, fundando as bases para os conceitos de políticas nacionais de comunicação. Trabalha ainda como consultor da UNESCO, dentre outras instituições intergovernamentais, como FAO, Unicef e Fundação Ford. Seu estudo é reconhecido mundialmente.

dominam as investigações sobre a comunicação na América Latina. O uso indiscriminado e acrítico desses métodos por grande parte dos pesquisadores⁵ - que não refletem sobre o contexto onde são aplicados, sobre a própria mensagem e nem sobre os meios de emissão - é perigoso pois afasta a teoria da comunicação da realidade enfrentada pelos grupos populacionais do dito terceiro mundo⁶. Alguns desses modelos e métodos foram criados em épocas específicas para responder a comportamentos e questionamentos igualmente específicos. Buscavam, por exemplo, compreender ou explicar a recepção das mensagens da mídia e sua conexão com a aquisição ou com a formação da opinião – como no caso do modelo de Lasswell em que uma mensagem será sempre recebida da mesma forma (teoria hipodérmica). Concepções como esta irão influenciar as pesquisas latino-americanas até os tempos atuais, gerando máximas reducionistas na compreensão de fenômenos da comunicação.

Beltrán enumera explicações possíveis em relação ao que causa esta atitude “passiva” e “imitativa” dos pesquisadores. Sem assumir posição sobre a relevância de qualquer uma delas, indica como causas: *i)* a baixa reflexão intelectual, a falta de competência ou ambas; *ii)* o desconhecimento da realidade norte-americana para comparação com a própria realidade; *iii)* a relativamente nova investigação no campo da comunicação na América Latina; ou *iv)* a ausência de percepção, imaginação criativa e audácia, resultante de uma mentalidade conformista e acrítica, submetida ao colonialismo cultural. Reflexões sobre o modelo de investigação levam a desafiar as hipóteses em que o mesmo está afinado. As afirmações a seguir nos permitem visualizar melhor (mesmo sem concordar) as relações de causa e consequência entre comunicação, desenvolvimento, tecnologia e meios de comunicação. Beltrán afirma que pesquisadores que já se debruçaram sobre esta questão, em essência, sustentam que:

- 1. El cambio general de la estructura social constituye el prerrequisito básico para lograr un desarrollo auténticamente humano y democrático.*
- 2. Los adelantos tecnológicos en los campos de la agricultura y en otros sectores productivos no sólo no conducen necesariamente hacia la obtención de este desarrollo, sino que incluso pueden impedirlo al fortalecer aún más a las élites conservadoras dominantes.*
- 3. La comunicación, tal como existe en la región, no solo es incapaz por naturaleza de generar desarrollo nacional, sino que a menudo actúa en su contra, de nuevo en favor de las minorías gobernantes.*

⁵Beltrán cita o pesquisador Armand Mattelart como exceção.

⁶Do original “la teoría de la comunicación se aparta cada vez más de la realidad que tienen que afrontar la mayoría de los grupos de población del Tercer Mundo” (FELSTEHAUSEN, 1971, p. 349 apud BELTRÁN, 1985, p. 2).

4. La propia comunicación está tan sometida a los arreglos organizativos predominantes en la sociedad, que difícilmente se puede esperar de ella que actúe independientemente como un contribuyente primordial a una profunda y amplia transformación social. (BELTRÁN, 1985, p. 8)

Ou seja, para um desenvolvimento democrático é necessária uma mudança na estrutura social. Mudança que não será alcançada por meio de mero avanço tecnológico nos setores produtivos ou por meio da comunicação que existe na região – submetida aos arranjos corporativos e sem independência. Inclusive, a comunicação e a tecnologia podem impedir este desenvolvimento em favor de minorias governantes.

Para Beltrán, os modelos tradicionais são unilineares e propõem a comunicação como transmissão de informações de fontes ativas a receptores passivos. Então, não há transmissão, apenas provocação de significados já existentes nas pessoas, que decodificam os símbolos. Os modelos ainda estão baseados na concepção de que comunicação é um ato, um fenômeno de intercâmbio estático do qual a fonte é a privilegiada, em contraposição a ser um processo no qual todos os elementos atuam de forma dinâmica. “Assim, a comunicação é eminentemente um fato de relações sociais, um fenômeno de intercâmbio múltiplo de experiências, e não mero exercício unilateral de influência individual” (BELTRÁN, 2000)⁷.

Ainda sobre a investigação na América Latina, Martín-Barbero⁸ (2001) aponta dois paradigmas hegemônicos que marcaram a mesma e os investigadores desse contexto – a teoria hipodérmica ou da “bala mágica”, no final dos anos 60, e a época cientificista, a partir dos anos 70. A teoria hipodérmica pregava que a mensagem da mídia era imediatamente aceita e espalhada entre todos os receptores, em igual proporção, manipulando as massas. Os meios de comunicação eram vistos, então, reduzidos a ferramentas de ação ideológica e seriam utilizados conforme os donos, que podiam ser “maus” na mão dos oligárquicos ou “bons” na mão do proletariado. A ideologização impediu que se interrogasse qualquer outra coisa nos processos além do rastro do dominador. Dispositivos de sedução e de resistência não foram percebidos, apenas a passividade do consumo (MARTÍN-BARBERO, 2001).

⁷Críticas e novos estudos no campo da comunicação latino-americana serão realizados, em um primeiro momento, por Antonio Pasquali, Paulo Freire e Juan Díaz Bordenave (BELTRÁN, 2000).

⁸Jesús Martín-Barbero é espanhol de Ávila, onde nasceu em 1937. Vive na Colômbia desde 1963. Semiólogo, antropólogo e filósofo, é especialista em comunicação e meios, tendo produzido importantes sínteses teóricas na América Latina sobre a pós-modernidade. É autor de "Dos meios às mediações", de 1987, obra clássica no campo da comunicação. Um dos mais conhecidos expoentes da Escola Latino-Americana de Comunicação - ELACOM.

A época cientificista terá a comunicação como lugar estratégico, com a informação como matéria-prima. O paradigma hegemônico é reconstruído com base no modelo informacional, com base em método. Os conceitos são retirados da Teoria da Informação, no campo da Engenharia, em que comunicação significa “transmissão de informação”. Conceitos precisos, delimitações metodológicas e propostas operacionais foram encontradas, com a seriedade das matemáticas e o prestígio da cibernética. A delimitação proposta, no entanto, é muito fechada, deixando de fora o conflito de interesses em jogo na luta por produzir, acumular ou veicular informações e os problemas da desinformação e de controle.

Novas relações entre a política e a cultura foram percebidas e apontam a cultura como capaz de produzir significações e não apenas como capaz de fazer circular as informações; quando o receptor, também se torna, um produtor.

Martín-Barbero irá indicar: As garantias foram perdidas e as balizas foram demarcadas. Para ele, é importante traçar um mapa que questione os mesmos elementos – a dominação, a produção e o trabalho –, mas a partir de outro lado - as brechas, o prazer e o consumo. Um mapa que não sirva para as fugas, e sim, para o reconhecimento da situação a partir das mediações e dos sujeitos.

Em sua obra mais conhecida, irá pedir que o eixo do debate seja deslocado da investigação dos meios às mediações – para as articulações entre a prática de comunicação e os movimentos sociais, para diferentes temporalidades e para pluralidade de matrizes culturais (2001). Ele irá alertar para a importância em reconhecer a mestiçagem na América Latina não como algo do passado, mas como o que a constitui. Indica que não seria apenas um fato social, e sim, a razão de ser, um tecido de temporalidades e espaços, de memórias e imaginários. “É apenas considerando a mestiçagem como vigente e atuante que se torna pensável as formas e os sentidos das diferentes identidades atualmente: indígena no rural, rural no urbano, folclore no popular e popular no massivo” (MARTÍN-BARBERO, 2001). O assunto será retomado na sequência deste artigo.

Além da mestiçagem, a construção do pano de fundo precisa levar em conta o histórico da região. A trajetória de exploração e bastante sangrenta iniciada no século XV instalará o desequilíbrio, criando marcas profundas e ainda existentes na política, sociedade, educação e economia. Sem trégua, fomos vítimas de diferentes impérios, século após século. A guerra ainda não terminou e ganhou novos contornos nas últimas décadas, incluindo a disputa pelo domínio sobre a comunicação.

O passado

Logo na primeira frase do livro “*As veias abertas da América Latina*” Eduardo Galeano⁹ separa os países do mundo em dois grupos: Aqueles que especializaram-se em ganhar e aqueles que se especializaram em perder. Este último, composto também por todos os países que ficam abaixo do rio Bravo, rio que separa os Estados Unidos do México. Especializada em perder, a região permanece por séculos trabalhando como um serviçal. Aos que concebem a História como uma disputa, o atraso e a miséria são o resultado de seu fracasso (GALEANO, 1983: 13-14).

É a América Latina, a região das veias abertas. Desde o descobrimento até nossos dias, tudo se transformou em capital europeu ou, mais tarde, norte-americano, e como tal tem-se acumulado e se acumula até hoje nos distantes centros de poder. Tudo: a terra, seus frutos e suas profundezas, ricas em minerais, os homens e sua capacidade de trabalho e de consumo, os recursos naturais e os recursos humanos. O modo de produção e a estrutura de classes de cada lugar têm sido sucessivamente determinados, de fora, por sua incorporação à engrenagem universal do capitalismo. (...) Nossa derrota esteve sempre implícita na vitória alheia, nossa riqueza gerou sempre a nossa pobreza para alimentar a prosperidade dos outros: os impérios e seus agentes nativos. (GALEANO, 1983, p. 14)

“*¡Ojalá Santiago no hubiera tenido nunca un árbol!*” escreveu J. Eduardo Retondo em “*El bosque y la industria florestal em Santiago del Estero*”, de 1982 (Idem, Ibidem, p. 216)¹⁰. E a História nos evoca outros suspiros: *Ojalá* o solo latino-americano fosse menos fértil e não propenso ao cultivo de café, cana-de-açúcar, algodão, trigo ou cacau (tão valorizados na Europa da Idade Média); *Ojalá* não houvesse no subsolo prata ou ouro - motor central da conquista europeia-, cobre, zinco, estanho, diamante ou manganês. Teria sido melhor se não houvesse madeira, petróleo, gás natural ou látex por aqui. A abundância de recursos naturais estimulou a exploração das terras por parte da metrópole e o controle sobre as colônias *além-mar*.

O sentimento de colonização, de posse sobre as terras abaixo do rio Bravo segue entranhado. Mesmo que empunhando bandeiras de catequização e salvação das almas, e mais atualmente, modernização e salvação do corpo, os movimentos e fenômenos que

⁹Eduardo Galeano é uruguaio. Jornalista e escritor, se debruça sobre o cenário latino-americano para suas reflexões. Não é historiador, mas seus livros resgatam a história sempre apoiado em historiadores do continente. Exila-se do Uruguai na Argentina após o golpe militar de 1973. A mais conhecida de suas obras, *As veias abertas da América Latina*, foi publicada em 1971, sendo censurada em diversos países por conter críticas aos governos e propor reflexões. A obra é um expoente da luta esquerdista na América e narra o processo de colonização das terras latino-americanas com responsabilidade e riqueza de detalhes, sem pender ao ficcionalismo, dramatização ou vitimização.

¹⁰No caso, refere-se de Santiago del Estero, cidade Argentina, não a capital chilena Santiago.

ocorreram nestas terras foram organizados por homens e orientados por interesses – e continuam sendo. Marx nos lembra disso quando se refere a inexistência de árvores de café ou de cana-de-açúcar até a chegada dos europeus¹¹. As sementes da exploração, das carnificinas, da miséria e do subdesenvolvimento vieram nas naus portuguesas e espanholas. Galeano conclui que o subdesenvolvimento latino-americano não é uma etapa no caminho do desenvolvimento; é sim fundamental à existência do desenvolvimento alheio (GALEANO, 1983, p. 264). A mesma tese irá marcar a CEPAL e os estudos econômicos e políticos latino-americanos, em especial, sob a coordenação de Raul Prebisch e de Celso Furtado.

Martín-Barbero salienta que a transnacionalização, processo contemporâneo em que as empresas montam estratégias de venda e produção em países diferentes, retornando recursos às sedes, designa mais do que a mera sofisticação do imperialismo. Trata-se de uma nova fase do desenvolvimento do capitalismo em que o campo da comunicação passa a desempenhar papel decisivo.

O papel dos meios no passado e no presente latino-americanos

Martín-Barbero se apoia em Carlos Monsiváis para esclarecer como os meios irão marcar a cultura e a comunicação no México. Com alguns aspectos diferentes, o caso é semelhante aos processos que serão deflagrados em outros países latino-americanos no século XX. Importante perceber que os meios, em especial a televisão, estarão presentes em grande parte das residências, reiterando códigos, construindo identidades e mitos, e transmitindo valores. No entanto, na América Latina estes meios estarão inseridos na lógica neoliberal de propor consumo.

Monsiváis indica três etapas para esta percepção. A primeira é datada dos trinta primeiros anos do século XX, quando o México era marcado pela revolução de Emílio Zapata. Os dispositivos que se projetavam na cotidianidade podiam ser peculiares ao processo revolucionário (como o muralismo e o teatro da Revolução, que irão apresentar nos palcos e muros, os gestos, hábitos, costumes e modos de fala, antes reprimidos, agora visíveis e socialmente aceitos) ou generalizáveis (canções que fundiam o campo e a cidade, salões de baile como locais para a expressividade e descontração, para a rebeldia política e

¹¹“A produção de café e açúcar é destino natural das Índias Ocidentais. Há dois séculos a natureza, que pouco tem a ver com o comércio, não tinha plantado ali nem a árvore do café e nem a cana de açúcar. Sendo obra de homens mais precisamente por causa do desenvolvimento internacional do capitalismo”. (MARX, Karl, 1848 apud GALEANO, 1983, p. 77)

a energia erótica). A segunda etapa se inicia com os anos 30 já avançados e é caracterizada pelo início da industrialização e do populismo. Uma fase de grandes migrações para as cidades e da hegemonia cultural com rádio e cinema, responsáveis por dar voz e visualização às identidades nacionais. Os meios passam a ser gestores de uma integração musical latino-americana com a popularidade de alguns ritmos – rancheira, tango e bolero – e a mitificação de ídolos da canção. O rádio será eficaz à transmissão de valores de classe e raça, enquanto o cinema será eficiente na reiteração de códigos de costume dos espectadores. O futebol legitima-se como criador de ídolos e de paixões populares. A terceira etapa se dará a partir dos anos 60, quando a cultura popular passa a ser tomada por uma indústria cultural, concebida a partir de sedução tecnológica, de incitação ao consumo, de homogeneização dos estilos de vida desejáveis, de banimento do nacionalismo para o limbo anterior ao desenvolvimento tecnológico e de incorporação dos antigos conteúdos sociais, culturais e religiosos à cultura do espetáculo. Nesta fase, a publicidade será essencial ao transformar produtos comerciais em instituições domésticas, mitificando o progresso tecnológico em detrimento aos saberes e às práticas da população - que se desvalorizam. No centro da nova dinâmica cultural e no papel de grande interlocutor estará a televisão, que unificará o idioma do país.

Responsável pela informação e entretenimento de grande parte da população¹² latino-americana, a televisão se consolida, então, como um espaço de reivindicação de direitos, de serviços, justiça ou para a simples atenção (GARCÍA CANCLINI, 2006, p. 39), ou seja, importantíssima. Mas estará subordinada a critérios empresariais de lucro, seguindo a interesses comerciais, neoliberais. A lógica neoliberal assusta até o sistema público europeu, com privatizações na Espanha e França nas últimas décadas (Idem, *Ibidem*, p. 18; 40-41). A internet e a mobilidade dos meios vem modificando toda essa dinâmica.

Novas possibilidades de interpretação e de análise sobre hábitos latino-americanos

Martín-Barbero nos auxilia a derrubar outras caracterizações formuladas e aceitas durante décadas, levantando novas possibilidades de interpretação e de análise dos hábitos e costumes das massas, em especial, na América Latina.

As teorias críticas sobre as massas privilegiaram as dimensões que têm a ver com a figura do trabalhador-produtor de mercadorias. As sociedades compostas por estes seriam:

¹²García Canclini (2006) aponta que as médias anuais em países latino-americanos chegam a 500 mil horas, enquanto na Europa-latina tem-se 11 mil.

i) tradicionais, *ii)* de gostos influenciados pelos meios massivos, *iii)* cuja religiosidade era sinal de alienação e *iv)* cujos projetos de vida eram tentativas frustradas de ascensão social. A cotidianidade, não presente, era despolitizada e considerada irrelevante e insignificante.

No entanto, há outra realidade presente nos bairros populares; há uma outra forma de enxergar e explicar tudo isso, como o faz Martín-Barbero. Para ele, o conservadorismo e o apego às tradições e à família estão relacionados à exploração muito mais brutal e direta da forma de trabalho; o espaço doméstico representa e possibilita um mínimo de liberdade e iniciativa, onde as tensões e frustrações podem ser compartilhadas; o consumo pode ser visto como busca por uma vida mais digna - não apenas reprodução de forças, mas produção de sentidos - não posse do objeto, e sim, uso; a ascensão social não precisa ser vista como arrivismo, e sim, como forma de protesto e de expressão de direitos elementares; a leitura pode ser vista como prazer (já que existe produção de sentido e demandas diferenciadas).

Para compreender de maneira coerente esta sociedade e seus componentes, García Canclini (*op. cit.*) pede que seja feito um deslocamento no conceito de consumo. Que não seja visto como um simples cenário de gastos inúteis e de impulsos irracionais, mas como um espaço que serve para pensar e no qual se organiza grande parte da racionalidade econômica, sociopolítica e psicológica nas sociedades (GARCÍA CANCLINI, 2006, p. 14). “Quando se reconhece que ao consumir também se pensa, se escolhe e se reelabora o sentido social, é preciso analisar como esta área de apropriação de bens e signos intervém em formas mais ativas de participação do que aquelas que habitualmente recebem o rótulo de consumo”(Idem, *Ibidem*, p. 42)

Este deslocamento conceitual coincide com estudos sobre cidadania cultural realizados nos Estados Unidos que indicam que

Ser cidadão não tem a ver com apenas com direitos reconhecidos pelos aparelhos estatais para os que nasceram em um território, mas também com as práticas sociais e culturais que dão sentido de pertencimento, e fazem com que se sintam diferentes os que possuem uma mesma língua, formas semelhantes de organização e de satisfação de necessidades (Idem, *Ibidem*, p. 35).

Construção conceitual da Sociedade da Informação na América Latina

Galindo Cáceres¹³ observa que a sociedade atravessa uma era de mudanças de alcance e proporções ainda não claros, em que o futuro é incerto. O advento da rede provoca alterações na postura, no comportamento humano, nas relações sociais, empresariais, entre população e governo. A abertura do novo espaço de comunicação modifica as noções de distância, de espaço e de tempo. Este novo espaço estabelece fluxos informacionais efêmeros e constantes, e dissolve a importância do passado. Permite, ainda, maior número de contatos, dá voz a novas identidades e novos movimentos, e estimula a criação coletiva (colaborativa). E ao final, pode tornar que toda a informação conhecida seja acessível a todos.

Os meios assumem o coração da nova sociedade. Entre outros fenômenos perceptíveis a partir do aparecimento da rede, o empoderamento social e uma diminuição do papel do Estado. Todos os setores estão se inserindo na rede, desde o econômico, o político, o social e o acadêmico. E esta nova sociedade, apoiada e cada vez mais mediatizada, precisa de regras que vinculem os potenciais tecnológicos e a o espírito da mídia a princípios que beneficiem as trocas entre as pessoas, a justiça social, a cidadania e a democracia. Estas regras devem ser para todos e podem ser melhor compreendidas a partir de estudos sobre a democratização da comunicação.

Políticas Nacionais de Comunicação

Para Luis Rámiro Beltrán, a luta pela democratização da comunicação passa por três frentes: *i)* a modificação conceitual do termo “comunicação”, *ii)* o desenvolvimento de formatos alternativos para a prática de comunicação popular e *iii)* a criação e a implementação de Políticas Nacionais de Comunicação.

i) A mudança conceitual do termo “comunicação”

Beltrán explica que os modelos tradicionais entendem a comunicação como a transmissão de informações de fontes ativas a receptores passivos, em uma noção mecânica.

De fato, não há transmissão; há apenas provocação de significados já existentes nas pessoas que, ao decodificarem os símbolos, participam ativamente. Esses modelos baseiam-se, além disso, na noção errônea de que a comunicação é um ato, um fenômeno estático do qual a fonte é a privilegiada; a comunicação é, na

¹³O mexicano Jesus Galindo Cáceres é Doutor em Ciências Sociais, mestre em Comunicação e licenciado em Linguística. É autor de 23 livros e de mais de 200 artigos. Membro da Associação investigadores mexicanos Comunicación (AMIC), do Programa de Estudos sobre as Culturas contemporâneas, do Sistema Nacional de Investigadores do Conselho Nacional de Ciência e Tecnologia (CONACYT-SNI). Coordenador do Grupo de Investigação em Cultura Ação (Gacio). Promotor da Rede de Estudos em Teoria da comunicação (REDECOM) e do Grupo de Comunicologia Possível (GUCOM).

verdade, um processo no qual todos os elementos atuam de forma dinâmica. Assim, a comunicação é eminentemente um fato de relações sociais, um fenômeno de intercâmbio múltiplo de experiências, e não mero exercício unilateral de influência individual. (BELTRÁN apud AZAMBUJA, 1999).

Ainda aponta que os modelos induzem à confusão entre informação (transferida mediante ato unilateral) e comunicação (diferente e mais ampla do que informação, uma vez que sua natureza bilateral envolve necessariamente interação que busca comunhão de significados ou de consciências).

ii) O desenvolvimento de formatos alternativos para a prática de comunicação popular

Beltrán indica que diversas práticas de comunicação alternativa já ocorrem na América Latina. Como exemplo, podem ser citadas as experiências das rádios mineiras e camponesas bolivianas, em que grupos indígenas são responsáveis pela produção de programas para os próprios grupos.

Al trabajar de forma autofinanciada, no partidaria, autogestionaria, sin publicidad comercial y practicando verdaderamente la democracia en la comunicación, los mineros bolivianos se constituyeron, sin saberlo, en los precursores de la comunicación alternativa para el desarrollo, aproximadamente dos décadas antes de que se comenzaran a plantear las bases teóricas para ello. (BELTRÁN, 1993)

As rádios bolivianas são exemplos de comunicação alternativa para o desenvolvimento democrático para o mundo. Este tipo de comunicação faz parte da tríade possível de relacionamentos entre comunicação e desenvolvimento percebida por Beltrán: a) Comunicação de desenvolvimento, b) Comunicação de suporte ao desenvolvimento e c) Comunicação alternativa para o desenvolvimento democrático.

a) *Comunicação de desenvolvimento*: refere-se à importância dos meios, que podem criar uma atmosfera pública favorável às trocas e são indispensáveis à modernização de sociedades tradicionais por meio do progresso e do crescimento econômico.

b) *Comunicação de suporte ao desenvolvimento*: refere-se à importância da comunicação organizada e planejada (como instrumento-chave), massiva ou não, para o alcance de metas práticas de empresas e projetos específicos de instituições que propiciam o desenvolvimento.

c) *Comunicação alternativa para o desenvolvimento democrático*: refere-se à importância do fomento de formatos alternativos ao expandir e equilibrar o acesso e a

participação da população no processo de comunicação, tanto em nível massivo como nos níveis interpessoais de base. O desenvolvimento assegura, além de benefícios materiais, a justiça social, a liberdade de todos e o governo da maioria.

iii) Políticas Nacionais de Comunicação

Beltrán destaca que, ironicamente, o pensamento que daria origem ao estudo das PNC surgiu nos Estados Unidos a partir da Universidade de Stanford (no grupo de pesquisadores como Wilbur Schramm), da Universidade de Harvard e do Instituto Tecnológico de Massachusetts (de Daniel Lerner), em meados da década de 60. As pesquisas, que incluíram países em desenvolvimento, apontaram para a necessidade de organização dos sistemas de comunicação destes, diferente dos países industrializados, sendo lógico para isso, o estabelecimento de políticas e planos. Com algumas reformulações, este pensamento foi acolhido pela Unesco no início da década de 70, sendo aceito rapidamente em todo o mundo. O desenvolvimento importante e o lançamento formal da teoria das políticas de comunicação são contribuições da América Latina para o mundo (BELTRÁN apud AZAMBUJA, 1999).

Beltrán, o maior defensor da criação de políticas estáveis de comunicação, acredita que é necessário entender o que é política, no sentido geral, para se entender a sua aplicação na comunicação. Para ele, política seria um conjunto de normas para moldar condutas, maneiras de pensar e de atuar de um grupo de pessoas, com a inibição de certas práticas e fomento de outras. Deve conciliar aspirações e interesses opostos em torno de uma causa comum que beneficie toda a população. As regras devem conter um princípio a ser transformado em objetivo. Na sequência são traçadas ações estratégicas para alcançar este objetivo.

Beltrán já alertava para o risco à formulação de políticas, incluindo de comunicação, ao restringirem comportamentos, o que será sempre um problema ao mercado liberal em que os países estão inseridos – em que a melhor regra é não ter regras e a melhor política é não ter nenhuma.

Na década de 70 houve um movimento regional (em todo o mundo) visando a formulação de políticas nacionais de comunicação explícitas, integradas e duradouras. Os países em desenvolvimento receberiam auxílio da Unesco para estas formulações. Foi convocada uma reunião em Bogotá, Colômbia, em 1974, com especialistas para a redação

de um documento inicial a ser utilizado pelos governos, e outra, em 1976, na Costa Rica, entre governantes dos países latino-americanos para a discussão do assunto. Foram aprovadas recomendações que poderiam ser interpretadas e aplicadas pelos governantes com autonomia. Mas, internamente em cada país, os avanços foram mínimos.

Yo contribuí al movimiento con el fundamento teórico general para la formulación de las PNC al entregar a la Unesco en París a fines de 1973 el documento conceptual que, atendiendo su encargo, había preparado para que sirviera de base a la reunión de expertos que este organismo auspiciaría en Bogotá en 1974. O sea, yo hice el aporte intelectual inicial al emprendimiento, obrando como autor y como asesor. Pero la responsabilidad ejecutiva de procurar la formulación y la aplicación de las PNC era de la Unesco, cuya Conferencia General había instruido hacer eso al Director General ya en 1970. (...) No correspondía, pues, a expertos internacionales independientes como yo - sin poder político ni injerencia administrativa a ninguno de esos niveles - asumir responsabilidad de implementación; yo era - por así decirlo - arquitecto, pero no ingeniero, tanto que sólo concurrí al encuentro técnico de Bogotá, pero no fui invitado al encuentro político de delegados gubernamentales patrocinado también por la Unesco en San José de Costa Rica en 1976. (BELTRÁN, 1999)

Tentativas de aplicação de políticas democratizadoras aconteceram, sem sucesso, na década de 70. Três tentativas! Uma delas aconteceu na Venezuela com a criação do Conselho Nacional de Cultura e de uma espécie de Instituto Nacional de Rádio e Televisão que se chamaria Ratelve. O projeto enfrentou forte oposição empresarial e não vingou. A segunda aconteceu no Peru dentro do chamado *Plan de Socialización de la Prensa*, em que os militares desapropriaram os grandes jornais de Lima com a proposta de entregá-los às comunidades de trabalhadores do país. A passagem dos meios ao controle das instituições populares, contudo, nunca aconteceu.

A terceira tentativa teve lugar no México. Por vários meses, um grupo de trabalho da Secretaria Nacional da Presidência mexicana reuniu-se para elaborar uma política nacional de comunicação. Era um projeto extremamente avançado que propunha democratizar desde o conceito de direito de comunicação até o exercício da profissão e o manejo e financiamento dos meios, para que servissem ao desenvolvimento nacional (AZAMBUJA, 1999). Ao final do processo, mudou-se o Secretário Nacional de Informações, desmobilizando a equipe e todo trabalho.

Os desafios – considerações finais

Neste contexto aqui observado e descrito, de economias liberalizadas, mercados de fluxos globais, consumismo exagerado, desequilíbrios sociais, passado marcado pela

exploração, raízes mestiças e papel essencial dos meios de comunicação à informação e ao entretenimento das massas, os pesquisadores propõem desafios e reflexões que podem auxiliar as sociedades na luta por uma independência legítima.

Martín-Barbero destaca que as políticas culturais precisam envolver a comunicação e os meios de comunicação, em especial, a televisão, presente na maior parte dos lares latino-americanos. Precisa-se observá-la (a televisão) a partir de uma visão não comercial, não demasiadamente crítica e nem folclórica. Ela precisa ser encarada como parte da cultura e não apenas da comunicação (MARTÍN-BARBERO, 2001). Neste sentido, o Estado tem papel preponderante. Também por isso, deve ser revitalizado como representante do interesse público, como árbitro ou assegurador das necessidades coletivas de informação, recreação e inovação, garantindo que estas não sejam subordinadas à rentabilidade comercial (GARCÍA CANCLINI, 2006, p. 218).

Em relação à pesquisa, Gobbi aponta que há excesso de estudos que utilizam a mídia como suporte e não fim. Destaca que os meios de comunicação de massa são sujeitos nessa área e não espectadores (GOBBI, 2008, p. 222). Ao encará-los dessa forma, evoca-se a responsabilidade dos mesmos sobre seus processos. Sobre estes, essencial a leitura latino-americana para uma crítica mais apurada sobre os fenômenos de comunicação que nestas terras ocorrem.

García Canclini nos auxilia a articular o consumo com um exercício refletido da cidadania. Mas para que possa ser visto desta forma, no entanto, é necessário: *i)* oferta vasta e diversificada de bens e mensagens representativos da variedade internacional dos mercados, de acesso fácil e equitativo para as maiorias; *ii)* informação multidirecional e confiável a respeito da qualidade dos produtos, cujo controle seja efetivamente exercido por parte dos consumidores, capazes de refutar as pretensões e seduções da propaganda; *iii)* participação democrática dos principais setores da sociedade civil nas decisões de ordem material, simbólica, jurídica e política em que se organizam os consumos: desde o controle de qualidade dos alimentos até as concessões de estações de rádio e televisão (GARCÍA CANCLINI, *Ibidem*). Percebendo este cenário, Beltrán pergunta:

¿Quién ha de escabazar esa misión de lucha quiijotesca por el cambio en este mundo internético, globalizado y neoliberal? Sin duda, tendrá que hacerlo el segmento de la juventud a la que los destellos de la mercadocracia no han podido obnubilar, aquellos comunicadores que sienten que su oficio está comprometido con el abheho de una sociedad próspera pero, ante todo, libre, justa y verazmente democrática. (BELTRÁN, 2000)

Referências

AZAMBUJA, Germano Augusto de. **As Idéias de Luis Ramiro Beltrán**: o homem, seu pensamento. In: Revista do Pensamento Comunicacional Latino-Americano, v. 1, n.1. Disponível em: <<http://www2.metodista.br/unesco/PCLA/revista1/revista1.htm>>. Acesso em: 05 jan. 2014.

BELTRÁN, Luis Ramiro. Premisas, Objetos y Métodos Foráneos en la Investigación Sobre Comunicación en América Latina. Communication Research An In-ternational Quarterly, v. III, n. 2, abr., 1976. In: **Revista Orbita**, n. 22, Caracas (Venezuela), jul., 1978.

BELTRÁN, Luis Ramiro. **Las PNC son hoy - en el mundo globalizado e internetizado - más necesarias que nunca**. Entrevista concedida a Luiz Alberto Malta de Barros. Disponível em: <<http://www.infoamerica.org/teoria/beltran1.htm>>. Acesso em: 05 jan. 2014.

BELTRÁN, Luis Ramiro. **Proyección crítica de la escuela latinoamericana**. Discurso proferido na solenidade e apresentação do livro “Investigación en Comunicación en Latinoamérica: início, transcendencia y proyección”. La Paz, Bolívia. Universidad Catolica Boliviana, 10 de agosto de 2000.

BELTRÁN, Luis Ramiro. **Comunicación para el desarrollo em Latinoamérica** - Una evaluación sucinta al cabo de cuarenta años. Discurso de inauguração da IV Mesa Redonda sobre Comunicação e Desenvolvimento organizada pelo Instituto para América Latina (IPAL) em Lima, Perú, entre os dias 23 e 26 de fevereiro de 1993. Disponível em: <<http://www.bantaba.ehu.es/sociedad/scont/com/txts/beltran1/index>>. Acesso em: 05 jan. 2014.

GALEANO, Eduardo. **As veias abertas da América Latina**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1983.

GALINDO CÁCERES, Jesús. Comunidad Virtual y Cibercultura - El Caso del EZLN en México. In **Razón y Palabra**, n. 10, Ano 3, Jun. 1998.

GALINDO CÁCERES, Jesús. Cibercultura, Ciberciudad, Cibersociedad - Hacia la Construcción de Mundos Posibles en Nuevas Metáforas Conceptuales. **Razon y Palabra**. n. 5. 1998. Disponível em: <<http://www.razonypalabra.org.mx/antiores/n10/galindo2.htm>>. Acesso em 20 nov. 2009.

GARCÍA CANCLINI, Nestór. **Consumidores e Cidadãos**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 6a. ed., 2006.

GOBBI, Maria Cristina. **A batalha pela hegemonia comunicacional na AL**: 30 anos de ALAIC. São Bernardo do Campo: Metodista, 2008.

MARTÍN-BARBERO, Jesus. **Dos Meios às Mediações**. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 2003.